

Entrevista

Muito mais do que um exercício metodológico interdisciplinar, tratou-se de um exercício existencial inigualável

It Was Much More than a Methodological Interdisciplinary Exercise, It was an Unique Existential Exercise: An Interview with Laura Maria Goulart Duarte

Por: Gabriela Litre e Melissa Curi*

* Editoras-Executivas / SeD

doi:10.18472/SustDeb.v6n3.2015.17228

ENTREVISTA

O trabalho sensível e experiente da professora Laura Maria Goulart Duarte, socióloga da Universidade de Brasília (UnB), foi fator-chave na valorização do perfil social e cultural de um ambicioso Atlas sobre o impacto natural, social e econômico das mudanças globais e regionais no norte da África. O *Atlas of changes in livestock farming systems, livelihoods and landscapes of the North West coast of Egypt*¹ ilustra como as mudanças climáticas e econômicas estão transformando paisagens, identidades e modos de vida que tinham sobrevivido quase inalterados ao longo de milênios. Não por acaso, o local escolhido para essa pesquisa foi a região ocidental do Egito, na Zona Costeira do Norte, que abrange uma área de Alexandria, na fronteira com a Líbia, e inclui a parte sul do deserto e oásis de Siwa.

Esse berço da civilização, cenário de beduínos dedicados à pecuária, é hoje uma das regiões mais castigadas pelas mudanças vertiginosas provocadas pela variabilidade do clima e pelo aumento da urbanização e da demanda por alimentos. Sem contar as oscilações da política local.

No quadro do projeto Elvulmed, financiado pela Agência Nacional Francesa de Pesquisa (projeto ANR 10-CEPL-002) e conduzido pelo Cirad-Inra, em colaboração com Apri/ARC e Icarda (CGIAR) na bacia do Mediterrâneo, o Atlas, que tem a professora Duarte como coautora, reúne informações visuais relevantes para a compreensão das características multifacetadas da área de estudo, composta pela coexistência de um espaço social de “riscos e fatores de proteção”, ou seja, de aspectos naturais, artificiais e fatores sociais de mudança e de vulnerabilidade.

1 – SeD. Que projeto interessante! Mesmo que você já tenha passado por outras experiências científicas enriquecedoras na África (ver perfil da Profa. Duarte), essa experiência no Egito, que incluiu conviver com mulheres nômades beduínas, deve ter marcado a sua visão do mundo de maneira especial, certo? O que mais a marcou nessa experiência? Ficaram perguntas sem responder?

Sim, é claro que marcou! Posso dizer, sem dúvida, que essa experiência enriqueceu minha existência. Vale a pena falar um pouco sobre como tudo começou. Estávamos em julho de 2012. Eu morava em Paris e estava fechando minhas atividades como professora convidada no *Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine (IHEAL) – Université Sorbonne Nouvelle Paris 3*, quando fui convidada para participar do projeto Elvulmed. É lógico que aceitei de imediato. As negociações tiveram início e, em novembro daquele ano, embarquei pela primeira vez em direção ao Egito.

Vários fatores influenciaram meu trabalho. A difícil situação política que vivia (e ainda vive) o Egito desde o início da chamada “Primavera Árabe” pode ser considerada o primeiro deles. Esse movimento culminou com a renúncia do presidente Mohammed Hosni Mubarak, que ficou no poder durante 30 anos. A partir de então, seguiu-se um período de incertezas e de violência. Uma Junta Militar assumiu o poder e eleições foram realizadas em 2012, com a vitória de Mohamed Morsi apoiado pela Irmandade Muçulmana, organização religiosa sunita que esteve na clandestinidade durante todo o período da ditadura Mubarak. Somada às incertezas do país, a vulnerabilidade política em Matrouh, local onde eu desenvolveria a primeira e a segunda parte do trabalho de campo, podia ser observada pela militarização do território e a presença do exército nas ruas da capital Marsa Matrouh, onde ocorreram choques entre policiais e beduínos. Foi nesse contexto inóspito, do ponto de vista da segurança, que desenvolvi minhas atividades na pesquisa. Apesar de me sentir extremamente bem acolhida (de me sentir em casa, como se costuma dizer) e segura entre os beduínos, o clima de insegurança oferecia riscos aos pesquisadores estrangeiros no país, e fui chamada para retornar à França em março de 2013, o que somente aconteceu após o término da terceira fase da pesquisa, realizada na zona de terras recuperadas a oeste do Delta do Nilo, em junho daquele ano. Esse período coincidiu com os novos protestos promovidos pelos egípcios contra o não cumprimento das promessas de campanha de Mursi, fazendo emergir novos conflitos, com movimentos prós e contra o presidente.

Outro fator importante foi a dificuldade com a língua árabe. Em parte, isso foi resolvido pela participação de Tahani, mulher beduína que serviu como minha intérprete durante todo o trabalho. Além disso, procurei de imediato apreender algumas palavras-chave usadas no dia a dia, o que me foi extremamente útil.

Por último, a minha postura ante os desafios do projeto me possibilitou quebrar algumas barreiras. Quando fui convidada para realizar a pesquisa, decidi seguir uma linha de conduta completamente diferente da minha prática enquanto pesquisadora. Não fiz uma pesquisa bibliográfica, como de costume, pois não queria sofrer qualquer influência que pudesse dirigir e/ou influenciar meu olhar naquele primeiro contato. Sabia das dificuldades do trabalho com as mulheres beduínas, já relatadas e discutidas com os coordenadores do projeto. Outros colegas já haviam tentado, sem sucesso, realizar essa parte do projeto. Assim, abri-me para a descoberta e para um encontro respeitoso com uma cultura e um contexto diferente. Levei em minha bagagem apenas a curiosidade que habitava meu imaginário e deixei-me surpreender pela riqueza e complexidade daquele universo até então desconhecido. Ao longo de todo o trabalho, não descuidando do rigor exigido pela pesquisa, reservei sempre um espaço aberto para o encantamento e para a emoção.

Entre muitas outras coisas, o que mais me chamou a atenção nessa experiência foi o potencial de resistência e de superação das populações beduínas, em geral, e das mulheres em particular. Um potencial alicerçado na identidade, na coesão social, na autoestima e na solidariedade para com seu povo, seu território, sua biodiversidade e sua história milenar. Infelizmente, ao longo de nossa trajetória desenvolvimentista perdemos ou nos afastamos desses valores. Mais do que nunca, precisamos admitir nossos equívocos enquanto civilização ocidental, especialmente quando imaginamos ser legítimo impor ao outro uma visão de mundo desconectada de sua cultura, por mais “moderna” ou “mais apropriada” que nos pareça. É necessário reconhecê

-los como portadores de conhecimentos, saberes e práticas que, potencialmente, podem nos oferecer pistas para o enfrentamento dos múltiplos e complexos problemas que vivenciamos. Acredito que é somente a partir de um mútuo reconhecimento (no sentido buberiano) que poderemos construir espaços de diálogos interculturais (e, para nós, cientistas, interdisciplinares) e repensar as possibilidades de um futuro mais sustentável.

Sim, ficaram perguntas a serem respondidas... perguntas e inquietações. Adoraria voltar e buscar as respostas que, tenho certeza, poderia encontrar em algum lugar perdido no deserto.

2 – SeD. Considerando que as mulheres beduínas são resistentes em expor a si próprias e as suas crianças ao mundo exterior, como se deu a pesquisa? Qual metodologia foi utilizada para captar o universo feminino dessas comunidades beduínas?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que as mulheres beduínas de Matrouh foram totalmente abertas e não impuseram resistência para responder às questões colocadas durante nossos encontros. A única restrição foi a de não serem tiradas fotos suas e das crianças das tribos visitadas, o que foi respeitado. Infelizmente, os rostos daquelas pessoas e as expressões de alegria, tristeza, surpresa e afeto ficaram registrados apenas em minha memória. Lembrarei para sempre de cada um deles, com saudade, gratidão e profundo respeito. Entretanto, foi autorizado o registro fotográfico das comunidades, dos utensílios domésticos, das atividades de trabalho e dos homens e, na área das terras recuperadas no Delta do Nilo, as fotos foram totalmente liberadas (mesmo de crianças e mulheres).

As atividades com as mulheres beduínas da província de Matrouh foram desenvolvidas em duas fases: uma totalmente exploratória, com a primeira ida a campo durante os meses de novembro e dezembro de 2012; e outra, mais intensiva e estruturada, a partir de fevereiro de 2013. A província de Matrouh, cuja capital é Marsa Matrouh, está situada na Zona Costeira Noroeste do Egito, tendo o Mar Mediterrâneo ao norte e o Deserto do Saara ao sul, compreende uma zona de cerca de 500 km entre a fronteira com a Líbia e a Alexandria. Em um terceiro momento, as atividades foram realizadas com as associações envolvidas no processo de desenvolvimento rural em três territórios situados na zona de terras recuperadas, a oeste do Delta do Nilo: Bustan, El Hammam e Old Nobaría.

No interstício entre as duas primeiras fases da pesquisa, durante o mês de janeiro de 2013, permaneci no Cairo. Só então realizei a pesquisa bibliográfica e documental, e debruicei-me sobre tudo o que encontrava disponível na literatura, em especial sobre o feminismo e o Islã; as relações de gênero no Oriente Médio e no Egito; comunidades e mulheres beduínas no Sinai. Além da bibliografia científica, li vários romances nos quais são relatados, de uma forma literária, fatos do cotidiano das mulheres em diferentes períodos da história do Egito. Para minha surpresa e grande alegria, ao longo dessa busca encontrei os trabalhos de Lila Abu-Lughod sobre as mulheres e comunidades beduínas da região de Matrouh.

Conforme esclarece a literatura e os relatos das pessoas mais idosas, os beduínos são povos de tradição oral, cujos códigos de conduta, valores, saberes e práticas são transmitidos em processos informais no cotidiano da vida comunitária. Tradicionalmente, histórias são contadas na forma de poesia, sendo que as mulheres têm um papel fundamental nesses processos de transmissão da cultura. Os trabalhos de Abu-Lughod e as poesias por ela registradas foram bases importantes para minha interpretação e para uma melhor compreensão do universo feminino.

A leitura dessas pérolas da literatura árabe foi eivada de uma profunda emoção. A emoção da descoberta de um mundo que, ao mesmo tempo, deveria ser sentido com o coração e interpretado com as ferramentas da ciência moderna. Esse foi, talvez, meu grande desafio, pois compreendi, desde logo, que as ferramentas de que dispunha não eram suficientes para dar conta do rico e controverso universo beduíno.

Na segunda fase do trabalho, voltei ao campo e revisei todas as comunidades com as quais havia feito contato durante a primeira fase da pesquisa. Durante as duas fases foram utilizadas várias técnicas de pesquisa complementares e adaptadas ao contexto. Entrevistas semiestruturadas, visitas às famílias, conversas e almoços informais durante os finais de semana e registro sistemático das observações se constituíram como minhas principais ferramentas e fontes de informações. A presença de um grande número de crianças e de adolescentes durante as entrevistas com as mulheres me permitiu trabalhar também com a técnica do desenho. Como já assinalado, as mulheres têm um papel fundamental nos processos de transmissão da cultura. Elas são responsáveis pela socialização e educação das crianças. Os desenhos das crianças e adolescentes refletem a divisão sexual do trabalho das comunidades beduínas e o processo de socialização no âmbito das famílias, além de mostrarem a visão de futuro.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com lideranças locais (Omnda da tribo Awlad Ali; Dra. Solima, primeira mulher beduína da região a realizar um doutorado, hoje uma liderança reconhecida pelo trabalho que realiza em prol dos direitos das mulheres; Sr. Mustafa Musa Rashid, coordenador de um projeto de conservação de terras no deserto; Sr. Hamad Khalid Shoaib, diretor-geral da cultura de Matrouh) e com mulheres beduínas de cinco subtribos ligadas à tribo mãe Awlad Ali.

Os encontros contaram sempre com a participação de um grande número de mulheres (mulheres da família, vizinhas e/ou visitantes que chegavam aos borbotões, como se brotassem das areias do deserto). Mesmo que, na maioria das vezes, tenhamos sido recebidos pela mulher mais velha (considerada como responsável pela família, como estabelecido pela organização social do universo feminino e da cultura beduína), nossas entrevistas adquiriram um caráter coletivo, uma vez que as respostas eram compartilhadas entre todas, durante e após longas discussões permeadas de muitas falas (que incluíam vários assuntos, conectados ou não à pergunta inicial), risos e gestos; e, como é o costume, sempre acompanhadas de um gostoso chá.

3 – SeD. Criar um Atlas que também ambicione registrar o lento fluir das mudanças culturais parece um verdadeiro desafio. Como cristalizar quase fotograficamente um modo de vida que se encontra, na verdade, em constante processo de transformação?

Este foi realmente um grande desafio para toda a equipe do projeto, e os coordenadores tiveram êxito em realizá-lo. Acredito que muito do êxito da pesquisa e do Atlas deve-se ao caráter interdisciplinar e intercultural da equipe e sua riqueza metodológica. Nem sempre é fácil trabalhar sobre os processos de transformação em diferentes níveis (global, regional e local, por exemplo) e, menos fácil, ainda, é o registro de sua dinâmica que articula elementos da história, da organização social e da cultura local com o contexto global.

Para além dos relatórios de pesquisa que, na maioria das vezes, ficam restritos ao mundo técnico/científico e/ou acadêmico, o Atlas buscou conferir uma abrangência maior em termos da valorização e visibilidade dos resultados, oferecendo um rico registro visual (quase fotográfico) dos processos de transformação por que passou e passa a região estudada, resgatando múlti-

plos fatores que historicamente impulsionaram essas mudanças e registrando seus impactos na cultura, na economia, nos modos de vida e na percepção das populações locais. O Atlas oferece, também, elementos importantes que permitem um olhar prospectivo e atento na direção do futuro.

4 – SeD. Como você definiria a vulnerabilidade coletiva? E a vulnerabilidade no âmbito do lar (household, em inglês)? Qual seria o papel da pecuária local na redução dessas vulnerabilidades nas escalas familiar e territorial? Foram identificadas medidas de adaptação às mudanças climáticas? Quais?

Em primeiro lugar, cabe salientar que as diferenças socioeconômicas existentes entre as diferentes tribos, comunidades e famílias situadas na costa e mais próximas da cidade, dos recursos e serviços públicos e aquelas situadas no deserto, acarretam diferentes tipos e graus de vulnerabilidade coletiva e familiar.

Como indicado no projeto e em outras publicações, os sistemas de produção e de adaptação tradicionais das comunidades beduínas, em particular aqueles ligados ao pastoreio, foram sustentáveis ao longo de milhares de anos, do ponto de vista cultural, social, ambiental e econômico. Entretanto, esses sistemas mostram-se cada vez mais insuficientes para sustentar e manter as famílias no deserto.

Tradicionalmente os beduínos são povos nômades que habitam o deserto. Entretanto, pouco a pouco o estilo de vida tradicional tem sido abandonado e muitos trocam as atividades pastoris e a transumância pela agricultura sedentária, ou migram para a cidade em busca de trabalho. Assim, praticamente não há mais população beduína vivendo permanentemente em tendas nas áreas estudadas. Atualmente, a grande maioria habita em casas, seja no deserto, seja nas cidades. Somente os pastores as utilizam durante a transumância, quando se deslocam para áreas de pastagens mais remotas. Além disso, as tendas também são usadas em ocasiões especiais ou quando a família realiza o trabalho de colheita nos campos de cevada, figueira e oliveira.

Os impactos dos 15 anos de seca, no período de 1995-2010, associados à erosão provocada pelo sobrepastoreio, acarretaram uma grave degradação das pastagens. Forçados pela escassez de água e de pastos para as tropas, sobretudo durante os anos de seca intensa, muitos homens migraram em direção aos centros urbanos em busca de emprego e/ou no intuito de desenvolver outras atividades desvinculadas do pastoreio e da agricultura, tais como o comércio, a construção civil e o turismo. Esse processo migratório interno e também em direção a outros países, como a Líbia, continua.

Durante o período prolongado de seca, uma alternativa para assegurar a alimentação humana e animal foi o cultivo da cevada que, paulatinamente, passou a ocupar antigas áreas de pastagem e chegou ao entorno das casas, o que vulnerabilizou ainda mais a pecuária na região, uma vez que os rebanhos precisavam ser levados cada vez mais longe para pastar e tiveram aumentados os riscos da travessia dos campos na busca de alimento. Esse processo culminou com o desaparecimento das pastagens perto de aldeias e com alterações expressivas no uso da terra e na paisagem.

Identificamos na região um projeto de recuperação de 25 mil hectares de terras do deserto. Em entrevista, o coordenador, Mustafa Musa Rashid, salientou os resultados positivos do projeto para as comunidades envolvidas, em particular para as mulheres que se beneficiam com o

acesso às plantas medicinais, flores e sementes existentes nas áreas recuperadas. Apesar dos resultados positivos, são muitas as dificuldades enfrentadas, especialmente a dificuldade de encontrar apoio governamental e recursos que permitam dar continuidade a esse tipo de ação reativa aos impactos das mudanças climáticas.

Apesar dessas vulnerabilidades, a pecuária continua a ser um elemento fundamental na preservação espacial e cultural do território, especialmente na manutenção da identidade beduína. Três sistemas de criação de pequenos ruminantes foram desenvolvidos como alternativa aos sistemas tradicionais e como estratégia de mitigação local dos impactos da seca na região: um sistema de cabra, um sistema misto de ovelha e cabra, e um sistema de transumância com ovelhas. O sistema de cabra tem uma forte ligação com a cultura beduína e seus hábitos ancestrais, e as famílias que têm cabras não se interessam apenas pelo valor financeiro da criação. Outra atividade presente hoje no deserto é a avicultura moderna que se desenvolveu como uma atividade familiar de média dimensão e como uma forma de adaptação dessas famílias às condições de seca.

A mudança na utilização das terras não se deu apenas em função da mudança gradual dos sistemas produtivos extensivos para sistemas diversificados e intensivos, com base na criação de rebanhos, árvores frutíferas e agricultura vegetal (em especial o cultivo de cevada, figo, oliva). Os grandes e rentáveis projetos turísticos e imobiliários que se desenvolvem de forma acelerada em terras beduínas da costa também são fatores de grande impacto. O turismo é considerado pelos beduínos como uma oportunidade de novos empregos, especialmente na época das férias, mas, também, como uma ameaça à posse da terra. A ligação entre as cidades da costa e o deserto, tradicionalmente feita pela pecuária, hoje é feita pela interação espacial “horizontal” proporcionada pelo turismo e outros projetos imobiliários.

Os impactos do processo de expansão do turismo em termos de vulnerabilidade, seja coletiva, seja familiar, ficam claros na fala de uma mulher “badu” (beduína):

(...) antes as terras eram dos badus. O governo comprou a preço muito baixo para desenvolver o turismo que está por todo lado. Com o dinheiro das terras, muitos badus constroem casas novas, compram coisas novas para a casa, carros novos e muitas joias para as mulheres. Eles não investem mais nem em terras, nem em animais (...). Durante três meses a costa é tomada por turistas. Os badus trabalham e ganham dinheiro nesta época, mas perdem a liberdade de ir e vir; perderam as terras que antes produziam alimentos para a população (pequenos animais, verduras, legumes e frutas) e hoje compram esses produtos em outras cidades, como Alexandria. Além disso, no resto do ano não tem emprego e não existe outra fonte de renda. As mulheres badus pouco podem ajudar, pois não trabalham, a não ser em casa (Relato de mulher badu durante trabalho de campo, janeiro de 2013).

As famílias, que por razões e condições diversas conseguiram manter, diversificar ou adaptar suas atividades (produção de caprinos, ovinos, aves e/ou outras atividades agrícolas e não agrícolas) tornaram-se menos vulneráveis e tiveram sua economia doméstica menos afetada pelas mudanças.

Também, no âmbito das famílias, pode-se dizer que as mulheres e os homens são expostos aos impactos de formas diferentes, o que acaba por aprofundar a vulnerabilidade de gênero. Responsáveis pelo processo de socialização das crianças, pela segurança alimentar e reprodução das famílias, são as mulheres que permanecem nas comunidades quando os homens partem com o gado ou em busca de trabalho. Na maioria das vezes, privadas do acesso à educação e à informação, muitas das mulheres beduínas contam apenas com seus saberes e práticas tradicionais e com os laços de solidariedade para superarem as vulnerabilidades a que estão

sujeitas, assim como suas famílias e comunidades. Desenvolvem algumas estratégias coletivas de adaptação: acumulam e guardam a água das chuvas e cuidam das águas dos poços; estocam sementes e alimentos; fazem conservas dos produtos alimentícios perecíveis e doces com as frutas; secam alguns alimentos como cebola, alho e tomate; utilizam a lã das ovelhas para fazer cobertas e travesseiros; cuidam das ervas medicinais que ainda existem e preparam medicamentos caseiros; as mais velhas ainda tecem tapetes e produzem alguns artesanatos para serem vendidos nas cidades. Apesar dessas atividades ainda não serem valorizadas do ponto de vista da adaptação e da sustentabilidade, seja no espaço privado, seja no público (com políticas públicas diferenciadas, por exemplo), as mulheres beduínas cumprem um papel fundamental nos processos adaptativos às mudanças socioambientais na região.

5 – SeD. O estudo apresenta duas perspectivas: uma mais biofísica, que estuda, por meio de dados climatológicos duros, as mudanças globais e regionais, e outra focada nas percepções de mulheres e crianças sobre essas mudanças. Diante dessa segunda perspectiva, como objetivar em dados mensuráveis percepções logicamente subjetivas, especialmente de crianças?

Essa pergunta nos remete a questões recorrentes da metodologia científica: Quais são os limites das pesquisas quantitativas e qualitativas? Quais as possibilidades de uma articulação entre ambas? Em que medida é pertinente e quando mensurar questões subjetivas? Considerando que ambos os processos são subjetivos por sua natureza (seja o que envolve a manifestação das percepções por parte dos pesquisados, seja o que envolve a interpretação do pesquisador) e a dificuldade de transformar aspectos qualitativos em quantitativos, em nenhum momento busquei objetivar e/ou mensurar as percepções. Como estratégia metodológica, interpretei as falas das mulheres e os desenhos das crianças e adolescentes à luz da realidade captada ao longo da pesquisa de campo e registrada na bibliografia. Busquei identificar as conexões e desconexões existentes entre esses dois níveis, o mental/perceptivo/subjetivo e o real/objetivo, e compreender as lógicas que lhes servem como substrato e que poderiam indicar mudanças futuras.

6 – SeD. Levando em consideração a questão de gênero, há algum recorte do estudo que analise os impactos nas atividades e na qualidade de vida das mulheres beduínas diante das mudanças socioambientais vividas na região?

Sim, de certa forma, além da divisão sexual do trabalho, o acesso à educação pelas mulheres pode ser considerado como um recorte importante que pode impactar, em um processo lento, mas gradual, as atividades e a qualidade de vida das mulheres beduínas. A fala de uma mulher “badu” durante o trabalho de campo, registra bem a divisão sexual do trabalho nas comunidades beduínas:

(...) Na época em que eu era jovem, a lida começava cedo. O café era servido às cinco horas da manhã e depois cada um ia para o seu trabalho. As mulheres cuidavam da casa, das crianças e das galinhas; colhiam lenha, cozinhavam, preparavam e assavam o pão no forno a lenha; fiavam a lã e teciam os tapetes; também buscavam água em longas distâncias. Os homens cuidavam dos animais (ovelhas e quatro camelos), colhiam tomates e feno, enrolavam e amarravam o feno (...). (Registrado por Laura Duarte em novembro de 2012).

Observa-se claramente refletida nos desenhos das crianças e adolescentes essa divisão do trabalho – que associa a mulher ao cuidado da família e às atividades domésticas, ou seja, à reprodução da família, e o homem às atividades produtivas e à função de provedor. Entretanto, os desenhos revelam, também, que a visão de futuro das meninas já não inclui algumas das atividades desenvolvidas pela mãe ou pela avó, como, por exemplo, tecer tapetes, fazer o pão no fogão a lenha e cuidar dos pequenos animais. Dos 20 desenhos, somente quatro mostraram uma visão de futuro que foge do padrão tradicional: duas meninas se veem como professoras e duas como médicas. Por outro lado, a visão de futuro refletida nos desenhos dos meninos é mais conservadora, uma vez que reproduz quase fielmente as atividades pastoris dos pais.

Cada vez mais as mães se conscientizam sobre a importância de enviar suas filhas à escola e sonham que elas possam ao menos ler e escrever. Entretanto, a associação entre o “ser alguém” e o trabalho fora de casa é um elemento novo e pouco presente (ainda não explicitado) no imaginário feminino. Atualmente, mesmo que tenham estudado, são raras as que trabalham fora de casa. Os resultados da pesquisa indicam que as vulnerabilidades a que estão sujeitas as mulheres (o que denominei de vulnerabilidades de gênero) se dão em duas dimensões distintas, porém fortemente interligadas: a primeira ligada à esfera privada e a segunda à esfera pública. Indicam, também, que o acesso à educação pelas mulheres beduínas pode ser a base para a concretização das mudanças já em curso em um cenário futuro.

7 – SeD. Vocês descobriram alguma correlação consistente entre as mudanças climáticas regionais e as percepções das populações locais sobre essas mudanças?

Observa-se uma relação, mas não posso afirmar que seja uma correlação consistente, no sentido estatístico do termo, uma vez que não busquei quantificar a força dessa relação. Ligadas a uma combinação de fatores e de mudanças no contexto político, ambiental, econômico e sociocultural, as vulnerabilidades a que estão sujeitas as populações beduínas são percebidas por grande parte das entrevistadas, uma vez que representam riscos diretos ou indiretos à sustentabilidade de suas atividades, cultura e identidade, em particular das mulheres.

No caso específico das mulheres, as alterações drásticas no clima, com secas mais intensas e prolongadas; a crescente escassez de água para os animais, plantações e mesmo para as famílias; o processo de erosão e/ou salinização das terras que eram utilizadas para o cultivo de alimentos e que deram lugar à expansão do turismo; o paulatino desaparecimento dos pastos para alimentar as tropas e de plantas medicinais terapêuticas e cosméticas antes existentes no deserto são alguns dos impactos percebidos no cotidiano de suas vidas, atribuídos por muitas delas “ao desejo de Deus”.

Apesar dessas mudanças, dos impactos e do aumento de vulnerabilidade socioambiental, a identidade beduína se mantém extremamente forte. Um exemplo disso é a ligação com seus territórios, com a terra e com os animais, o que está presente não apenas nas práticas dos homens, mas, também, na fala das mulheres e nos desenhos das crianças.

Acredito que ao conservarem (ou tentarem conservar) suas práticas e demais elementos de sua cultura, essas populações potencializam e criam melhores condições para se adaptarem e reduzirem sua vulnerabilidade ante as mudanças. Esse é o caso da coesão social existente entre os membros de uma mesma tribo (princípio da ajuda mútua) e da solidariedade entre as mulheres, o que analisei em artigo anterior como fatores de integração social e de resiliência dessas populações.

8 – SeD. Você é socióloga por formação. Como foi o desafio interdisciplinar e intercultural de trabalhar com pesquisadores e pesquisadoras de backgrounds pessoais e acadêmicos tão diferentes? São geógrafos, veterinários, engenheiros agrônomos, especialistas em ciências animais do Oriente e Ocidente...

O trabalho interdisciplinar é extremamente rico e, por mais experiência que se tenha, é um constante aprendizado e está sempre a colocar desafios. Durante a pesquisa no Egito, particularmente com as mulheres beduínas de Matrouh, além de novas lentes, o trabalho interdisciplinar e intercultural me presenteou com novos quadros mentais (lógicas) e emocionais (subjetividades) de referência do mundo. Como indiquei em resposta anterior, muito mais do que um exercício metodológico interdisciplinar, tratou-se de um exercício existencial inigualável, cujos efeitos se fazem sentir, sem dúvida, em meu trabalho como socióloga e pesquisadora².

PERFIL E FOTOS

Socióloga com doutorado pela Universidade de Brasília e pós-doutorado pelo Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement (Cirad) na França. Sua experiência como pesquisadora em todas as regiões do Brasil e em diversos países da América do Sul, Europa e África, está refletida em uma vasta produção técnico-científica. Na Universidade de Brasília (UnB), foi chefe do Departamento de Sociologia (SOL), coordenadora do Núcleo de Política de Ciência e Tecnologia do Centro de Estudos Multidisciplinares (NPCT-CEAM) e pesquisadora colaboradora sênior no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS). Foi diretora técnico-científica e diretora-presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), coordenadora-geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação, membro de Comitês de Avaliação da Capes e do CNPq e secretária-executiva da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (Anppas). No exterior desenvolveu atividades como professora convidada no Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine (IHEAL), Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, e como pesquisadora convidada no International Center for Agricultural Research in the Dry Areas (Icarda – Egito). Atualmente, é membro do Conselho Científico do Cirad, na França, e pesquisadora colaboradora sênior do Programa de Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Faculdade de Planaltina, Universidade de Brasília (PPG-Mader-UnB).



Foto tirada por mulheres “badus” durante pesquisa de campo em Matrouh, Egito. Novembro de 2012.

NOTAS

¹ Disponível em: <http://elvumed.cirad.fr/FichiersComplementaires/Atlas_Egypt_Ver-8.pdf>.

² A professora Duarte agradece ao Centre de Coopération International en Recherche Agronomique pour le Développement – Cirad, França; ao International Center for Agricultural Research in the Dry Areas – Icarda, Egito; aos seus colegas do projeto Elvumed, Jean-François Tourrand, Véronique Alary, Ibrahim Daoud, Tahani Farig, Mona Osman Abdelzaher e Ehab Salal; assim como a todos(as) aqueles(as) que contribuíram para que suas atividades fossem realizadas. A professora agradece, de maneira especial, às comunidades beduínas, particularmente às mulheres, a generosidade e o desprendimento com que a acolheram durante a pesquisa.